

## O INFINITO, O OUTRO E O ROSTO EM EMMANUEL LÉVINAS

LORENZO AGUIAR DE MENDONÇA BARROS<sup>1</sup>; ADRIANO ANDRÉ  
MASLOWSKI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – lorenzoamb@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – adriano.maslowski@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar um estudo do pensamento de Emmanuel Lévinas (1905 - 1995), com foco na ideia de “Infinito” proposta pelo autor. Lévinas foi um pensador com raízes na fenomenologia fundada por Edmund Husserl (1859 - 1938), tomando-a como base para suas obras. No entanto, sua filosofia também é marcada pelo pensamento judaico, especialmente pelo Talmude e pela tradição ética hebraica. Além disso, é notável as interfaces com Martin Heidegger (1889 - 1976), particularmente no que diz respeito à ontologia, embora Lévinas venha a criticar fortemente o primado do ser em favor da ética. Nesse sentido, a maior preocupação do autor em seu pensamento filosófico recai sobre a problemática da alteridade: a relação do “Eu” com o “Outro”. Portanto, esta exposição tem como objetivo introduzir a ideia geral do que significa o “Infinito” e como Lévinas evidencia sua necessidade.

Lévinas inicia sua primeira grande obra, *Totalidade e Infinito*, com uma constatação sobre o ser: “[...] que a guerra não o afecta [o ser] apenas como o facto mais patente, mas como a própria patência - ou a verdade - do real” (LÉVINAS, 1980, p. 9). Essa estrutura que compreende tudo o que é, Lévinas chama de *totalidade*: “a totalidade é o que não admite nenhuma exterioridade e contém tudo o que é, todos os seres, em si mesma” (SEBBAH, p. 47). O próprio ato de conhecer é, para Lévinas, um ato de violência: adequa-se o outro ao saber do eu. Ele compara essa assimilação ao ato de comer - ao digerir um alimento, este se torna parte do organismo, somando-se ao todo de quem o ingeriu. “A visão é adequação da ideia à coisa: compreensão que engloba” (LÉVINAS, 1980, p. 22).

Contudo, na própria experiência - e aqui já se evidencia a influência fenomenológica em Lévinas - há algo que resiste a toda forma de totalização: o Rosto do Outrem. No campo do conhecimento humano, que se dá de maneira intencional, o Rosto escapa a essa intencionalidade. Como afirma Cerbone:

O encontro com o outro, por contraste, é marcado pela falta de qualquer previsibilidade desse tipo: mesmo quando sinto que sei o que alguém vai fazer ou dizer, ainda posso, apesar disso, ser surpreendido pelo modo como as coisas se desenvolvem, pelo que alguém na verdade diz ou faz. O outro se opõe a mim menos com uma ‘força’ de resistência do que com a própria imprevisibilidade de sua reação. (CÉRBONE, p. 214).

Mas o que devemos entender por *intencionalidade*? Sartre, comentando Husserl, esclarece: “Essa necessidade para a consciência de existir como

consciência de outra coisa que ela, Husserl a nomeia de ‘intencionalidade’” (SARTRE, 2005, p. 106).

A intencionalidade, portanto, é a estrutura pela qual toda consciência está voltada para algo - uma consciência *de* algo. Lévinas, no entanto, propõe que o Rosto do Outro escapa a essa lógica perceptiva e conceitual. Ele afirma:

Não sei se podemos falar de ‘fenomenologia’ do rosto, já que a fenomenologia descreve o que aparece. Assim, pergunto-me se podemos falar de um olhar voltado para o rosto. Porque o olhar é conhecimento, percepção. Penso antes que o acesso ao rosto é, num primeiro momento, ético. Quando se vê um nariz, os olhos, uma testa, um queixo e se podem descrever, é que nos voltamos para outrem como para um objecto. A melhor maneira de encontrar outrem é nem sequer atentar na cor dos olhos! Quando se observa a cor dos olhos, não se está em relação social com outrem. A relação com o rosto pode, sem dúvida, ser dominada pela percepção, mas o que é especificamente rosto é o que não se reduz a ele. (LÉVINAS, 1982, p. 77).

Desse modo, o Rosto do Outro não se oferece como um fenômeno entre outros, captável pela consciência intencional.

Lévinas retoma de Descartes a ideia de Infinito. Este é o ponto de ruptura: enquanto todas as ideias podem, em princípio, ser justificadas por nós, a ideia de Infinito nos ultrapassa. Ele escreve:

Mas a ideia do infinito tem de excepcional o facto de o seu ideatum ultrapassar a sua ideia, ao passo que, para as coisas, a coincidência total das suas realidades «objectiva» e «formal» não está excluída [...] A distância que separa ideatum e ideia constitui aqui o conteúdo do próprio ideatum. O Infinito é característica própria de um ser transcendente, o Infinito é o absolutamente Outro. O transcendente é o único ideatum do qual apenas pode haver uma ideia em nós; está infinitamente afastado da sua ideia — quer dizer, exterior — porque é infinito. (LÉVINAS, 1980, p. 36).

O Rosto do Outrem dá-nos a prova deste Infinito: ele sempre transcende qualquer tipo de totalização, está sempre além de qualquer representação. Sua presença interpela, exige responsabilidade e desfaz a pretensão do “Eu” de ser o centro. O Rosto é a epifania do Outro, revelando uma exterioridade que não se deixa reduzir à mesmice do mesmo. Nele, o Infinito se manifesta como exigência ética irrecusável.

O rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo. Neste sentido, não poderá ser compreendido, isto é, englobado. Nem visto, nem tocado — porque, na sensação visual ou tátil, a identidade do eu implica a alteridade do objecto que precisamente se torna conteúdo. (LÉVINAS, 1980, p. 173).

O Rosto resiste à generalização e à conceitualização da linguagem. Como afirma Ripanti (2014, p. 8-9): “[...] é falar ao outro antes mesmo de falar dele. Se dele falar, é dilacerar a relação”. A relação entre o “Eu” e o absolutamente Outro - o

Outrem - é anterior a qualquer conhecimento. Essa relação, para Lévinas, é o que se deve chamar de **Ética**.

O Rosto do Outro, como discutido, não se apresenta como algo capturável ou redutível a conceitos. Diante dessa impossibilidade, duas tentações se apresentam: ou buscamos enquadrá-lo em um conceito que pretenda expressar sua essência - arriscando, contudo, que a qualquer momento ele o transcenda e nos “desestabilize” com sua imprevisibilidade -, ou tentamos fixá-lo, silenciá-lo, até mesmo aniquilá-lo, a fim de torná-lo conhecível. No entanto, nesse segundo caso, ao eliminar o Outro, já não haverá mais alteridade, e, assim, o que se pretendia compreender estará perdido. O Outro transcende o ser - não se deixa reduzir à ontologia -, e é justamente essa transcendência que confirma seu caráter de Infinito. O único modo possível de nos relacionarmos com o Rosto do Outro é preservando sua alteridade: trata-se de uma relação ética, fundada na responsabilidade incondicional diante do apelo à vida que emana do rosto. Essa relação, que precede o conhecimento e a ontologia, constitui o único caminho possível para a paz.

## **2. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se no estudo direto das obras de Emmanuel Lévinas, complementado por leituras de comentadores especializados. Considerando a forte influência da fenomenologia na filosofia levinasiana, foi necessário recorrer também a obras de Edmund Husserl, fundador da fenomenologia, bem como a intérpretes contemporâneos como David Cerbone, a fim de contextualizar e aprofundar a compreensão dos conceitos analisados.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos até o momento revelam-se de grande importância para a compreensão do pensamento levinasiano. A articulação do conceito de Infinito por meio da experiência do Rosto do Outrem mostra-se essencial para a leitura e interpretação das obras de Lévinas. Diante da complexidade intrínseca à sua filosofia, a presente síntese resulta de um estudo aprofundado, cujo objetivo foi tornar essa noção acessível e inteligível, sem perder de vista sua densidade conceitual.

## **4. CONCLUSÕES**

A presente exposição da ideia de “Infinito” em Emmanuel Lévinas teve como objetivo servir de introdução àqueles que desejam adentrar o seu pensamento filosófico. A noção de Infinito, tal como pensada por Lévinas, não se trata de um conceito teórico a ser compreendido, mas de uma experiência ética vivida na relação com o Rosto do Outro, experiência que escapa à lógica da intencionalidade e da totalidade. O Infinito se manifesta, portanto, como responsabilidade e

exigência ética, como aquilo que convoca o Eu a uma resposta que nunca se completa, mas que se renova a cada encontro. Com isso, Lévinas propõe uma filosofia que não busca dominar o mundo, mas antes escutar o clamor do Outro, fazendo da ética a primeira filosofia e da transcendência, o fundamento de qualquer possibilidade de paz e convivência humana. Espera-se, portanto, que esta pesquisa contribua para despertar futuras investigações mais aprofundadas, especialmente no que diz respeito às implicações éticas da alteridade e à superação da totalidade pela transcendência do Outro.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRARA, Ozanan Vicente. **GUERRA E PAZ NA ÉTICA DA ALTERIDADE DE EMMANUEL LÉVINAS**. Problemata - Revista Internacional de Filosofia. v. 14. n. 2 (2023), p. 84-95.

CERBONE, David R.. **Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2012.

CINTRA, Benedito Eliseu Leite. **Emmanuel Lévinas e a ideia do infinito**. MARGEM, SÃO PAULO, No 16, P. 107-117, DEZ. 2002.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas precedido de Conferências de Paris**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2024.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do Rosto**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: Ensaios sobre a Alteridade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 2004.

RIPANTI, Graziano. Introdução. In: LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do Rosto**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 7 - 24.

SEBBAH, François-David. **Lévinas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **UNE IDÉE FONDAMENTALE DE LA PHÉNOMÉNOLOGIE DE HUSSERL: L'INTENTIONNALITÉ**. Tradução de Ricardo Leon Lopes. Veredas FAVIP, Caruaru, v. 2, n. 1, p. 102–107, jan./jun. 2005.